



# Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Administrador: P. Carlos de Azevedo — Redacção: Largo Dr. Oliveira Salazar, 21 — Leiria.  
Administração: Santuário da Fátima, Cova da Iria, Composto e impresso nas Oficinas da «União Gráfica», Rua de Santa Marta, 48 — Lisboa N.

## Peregrinação de Setembro, 13

O dia 13 de Setembro último peregrinação mensal não teria o foi precedido de três dias de chubrilho e imponência habituais por va abundante, pôsto que intermi-ser impossível realizar os actos religiosos ao ar livre. Felizmente, a tarde, deixou de chover e a procissão das velas decorreu na forma do costume, tomando parte nela grande número de peregrinos. Ainda, as comemorações religiosas, efectuaram-se quasi todas na igreja das confissões, em virtude da incerteza do tempo, frio e úmido e, de vez em quando, também chuvoso.

Das 2 às 5 horas, diversos grupos de peregrinos associaram-se para efectuar outros turnos de adoração. As 5 horas, deu-se a bênção com o SS. Sacramento. Houve a seguir uma Missa na qual se distribuiu a Sagrada Comunhão. As 7 horas, celebrou a Missa da comunhão geral, no altar exterior da Basílica do Rosário, o rev. cônego dr. Manuel Marques dos Santos, tendo recebido o Pão dos Anjos mais de dois mil peregrinos.

De Santa Doroteia, do Colégio de Évora. Estavam presentes os rev.ºs Vice-Reitores dos Seminários de Santarém e de Almada. Como no ano próximo findo, o sr. dr. Falcão de Miranda e sua Espôsa, que vieram à Fátima na peregrinação do Estoril, representavam a comissão promotora da construção da grande Igreja de Nossa Senhora da Fátima de Sumaré (S. Paulo-Brasil). Quando, terminada a última procissão, os peregrinos começa-

### ACÇÃO CATÓLICA Espírito de Fé

É tão grande o dom da fé, mesmo pelos seus benefícios de ordem humana, que ninguém, de visão clara e coração recto, pode deixar de estimá-la.

E, estimando-se, como é justo, naturalmente se desejará possuí-la.

*Desejar a fe.* Prestemos atenção à voz profunda da nossa alma que tem sede de Deus. Se pretendemos dessedentá-la com bens do mundo, insensatamente nos iludimos. Ao cabo e ao termo de muitas lutas e desgostos, teremos de concluir que todos os gozos terrenos são incapazes de dar-nos a paz. Santo Agostinho, que durante longos anos vagueou por invios caminhos de desgraça, pôde escrever, já convertido: Criastes-nos para Vós, Senhor, e o nosso coração estará inquieto, enquanto não repousar em Vós.

É um leigo, de bom senso, confidenciou um dia a Monsenhor Gibier que foi Bispo de Versalhes: É pelo coração que nos afastamos da religião; pelo coração a ela regressamos.

Amai a verdade, comenta o grande Prelado, e conhecê-la-eis depressa. Quando se lhe tem amor, necessariamente se deseja. Se não tendes fé, desejai possuí-la.

O Senhor atenderá os vossos desejos. Quem deseja com sinceridade, naturalmente pede, por meio da oração.

*Pedi o dom da fé.* Coppée, o doce poeta da dor bendita, escreveu enternecidamente: Meu pobre irmão, é preciso pedir a Deus a graça da fé, é preciso rezar para crer.

Com penetrante conhecimento das realidades, lembra o egrégio Prelado de Versalhes que pode objectar-se ser impossível rezar quando não se crê, porque a oração supõe a fé. E esclarece que a objecção é infundada, visto que para pedir não é necessário conhecer a Deus, mas basta crer que pode haver Deus. Uma dúvida, uma dôr, a própria ignorância, que atormenta, criam asas para os largos vôos do infinito.

Está, porventura, alguém sólidamente instalado na descrença? Já alguém demonstrou, ou esteve em condições de demonstrar a verdade do ateísmo?

Pelo contrário, em todos os tempos procurou o homem dar satisfação à misteriosa, estranha preocupação de infinito, que existe nêle, sem que êle a procure, até mesmo contra os seus desejos.

Esta inquietação, que muitas vezes é angústia e drama, basta para que o homem peça e reze.

Tantas coisas pedimos, no decurso da nossa vida mortal, a homens que são pobres como nós.

Tem necessidade de rezar a nossa alma.

Contrariar as suas naturais aspirações será loucura do pobre orgulho humano.

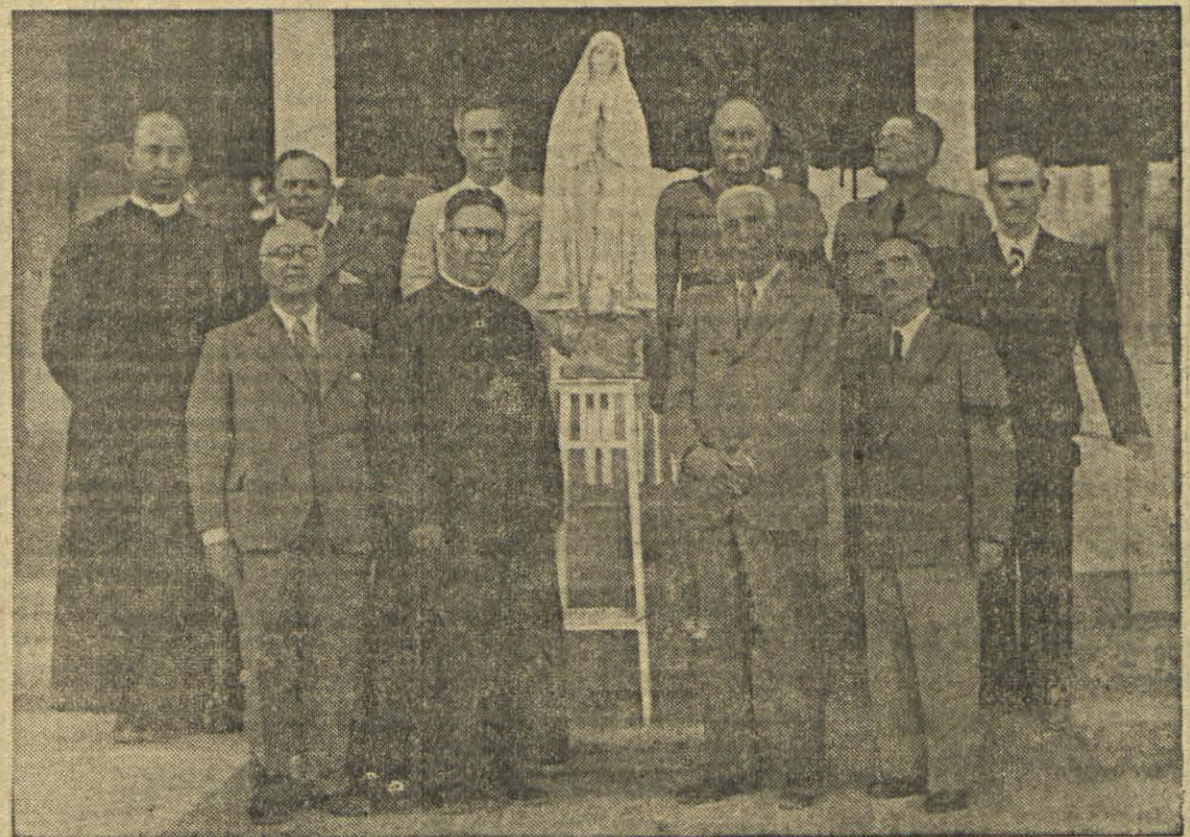
† MANUEL, Bispo de Helenópolis

#### Determinações do Sínodo Diocesano de Leiria

As mulheres que não estejam devidamente veladas na cabeça, peito, braços e pernas (sem meias), não podem entrar nas igrejas ou no recinto do Santuário de Nossa Senhora da Fátima, nem receber os sacramentos ou tomar parte em actos e cerimónias religiosas.

§ único. As disposições relativas a pernas desnudadas não dizem respeito às pobrezinhas nem às mulheres que usam o traje tradicional e cristão das nossas aldeias.

(Constituições do Sínodo Diocesano de Leiria realizado no dia 13 de Julho de 1943 n.º 76 — alinea 2).



Fátima — Agosto de 1943 — Senhores oficiais que tomaram parte no primeiro retiro realizado no Santuário para oficiais do Exército e da Armada

piou às 22 horas e meia, seguindo-se, às 23, a cerimónia da adoração do SS. Sacramento solenemente exposto. Ao turno da adoração geral, das 11 até à 1 hora da madrugada, presidiu o rev.º dr. António Maria de Figueiredo, cônego capitular da Sé de Lisboa e pároco da freguesia de S. Nicolau da mesma cidade. Prêgou o rev. P.º Campos Pinto, director espiritual do Seminário de Vilar (Pôrto).

O segundo turno foi organizado pela peregrinação do Estoril, composta de Filhas de Maria, Noelistas e outras pessoas.

Fêz a explicação dos mistérios do Rosário Monsenhor José António Moita, pároco de Santo António do Estoril.

A Missa dos doentes foi celebrada pelo rev.º cônego dr. João Galamba de Oliveira. Prêgou chovia nem tornou a chover em todo a tarde.

Foi o rev.º celebrante que deu a bênção Eucarística aos doentes, que eram em número de sessenta, acolitado pelos rev.ºs cônegos drs. António Maria de Figueiredo e José Gracias, pároco da freguesia de Nossa Senhora da Fátima, de Lisboa.

Levou a umbela o sr. dr. Lopes Rodrigues, Lente da Faculdade de Farmácia da Universidade do Pôrto.

Assistiu às cerimónias, entre outras religiosas, um numeroso grupo de Irmãs da Congregação

Visconde de Montelo

#### Que há de novo?

Um mimo literário e artístico que é o número especial da revista «STELLA» comemorativo das Bodas de Prata da restauração da Diocese de Leiria. Cada exemplar, 2\$50. Pedidos acompanhados da respectiva importância, à «STELLA» — Cova da Iria (Fátima).

# CLAUSTRO DO SILÊNCIO

## A Influência da devoção a N.ª Senhora na vida familiar

por Berta Leite

O conflito mundial chegou ao seu auge diabólico e incrível. Toneladas de bombas caem sobre populações anónimas, mais ou menos defendidas mais ou menos culpadas. A guerra no mar e submarina, parece ter diminuído senão acabado, porque não há mal que sempre dure.

A metralha ferve, os incêndios lavram... A destituição desorienta. O monstro da guerra insaciável e horrendo, rugindo, rugindo, rugindo.

O pecado levou os povos à desordem. A desordem leva os povos a maiores pecados... E no entanto... os dois caminhos, continuam francos, livres, abertos à humanidade consciente. Caminho do Bem, caminho do mal. A liberdade é dom de todos. Porque não escolhem todos o caminho da Paz?

E que o mal tenebroso, de face fúrvada e olhar dúbio, insinua-se moderadamente desviando as almas em nome do progresso e da civilização, do seu verdadeiro «caminho da virtude alto e frágil, e atirando-as a um fim doce, alegre e deleitoso», segundo o definiu Camões.

O caminho do Bem é hoje em todo o mundo como o Claustro do Silêncio. Avancemos nós portugueses que estamos em Paz, que queremos a Paz, que pedimos a Paz...

O Claustro do Silêncio está inundado de Luz branca. Há lírios desmaiados pelo chão, e açucenas a cantar aromas sobre o altar esplendente do nosso Amor.

E o Claustro do Silêncio conduz a outro claustro em flor.

De cima do Altar da Paz Nossa Senhora da Fátima sorri aos que a procuram e a Sua misericórdia é tanta que por ela há-de o sangue deixar de correr e de macular a consciência de cada nação em armas.

Só a Paz dignifica os povos. Só a Paz tornará a construir o que parece definitivamente arrasado. Só a Paz é Fé, só a Paz pode ser Esperança e só a Paz será Caridade para com os que ainda lutam.

Nossa Senhora da Paz salvai o mundo!

Claustro do Silêncio, Senhora da Fátima, claustro em Flor rogai por nós!

Pela Sr.ª D. Mariana Inês de Mello

(Continuação)

E S.º Ambrósio continua, «Era humilde de coração, grave no falar, prudente nos conselhos, discreto no discursar».

Fala-se hoje tanto... e tantas vezes tão fora de tom e som...

E, não haveria, por vezes, mais paz e harmonia nos lares, menos quezílias na sociedade se imitássemos mais neste particular a Nossa Senhora?... E, sob o ponto de vista educativo não seria de capital interesse habituar a gente moça a saber calar uma resposta mais viva, uma palavra ou conversa inútil ou até um pouco picante?!

Lucraria com isso a caridade e a pureza e seria simultaneamente escola de domínio próprio, virtude tão precisa na vida.

E que mais nos diz S.º Ambrósio sobre Nossa Senhora, aplicável à nossa missão educadora?!

«Era aplicada ao trabalho...»

E uso hoje quase generalizado as raparigas estudarem e até estudarem bastante.

Mas, acabada essa época que se costuma chamar «a educação», quantas e quantas raparigas passam a não fazer nada.

Sabíamos exigir, se tanto for preciso, que elas façam alguma coisa em casa, que ocupem os seus dias útilmente.

Mas dêmos-lhes primeiramente o exemplo. Que o nome, a fortuna, a vida de sociedade não seja razão para nos habituarmos a ser hóspedes na nossa própria casa. Nem mesmo o apostolado justifica o não sermos boas donas de casa. Que nos baste por razão a escola de Nazaré: toda a missão do Verbo Encarnado consistia em dar glória a Deus e salvar os homens... Apenas 33 anos para cumprir essa missão, e passa 30, portas adentro, a trabalhar humildemente.

Leis santas do trabalho ensinadas por Jesus-Maria-José!... «Aplicada ao trabalho, assídua à leitura...» e, para que não possa haver equívocos quanto ao género de leituras, Santo Ambrósio acrescenta imediatamente a assiduidade à oração e mais adiante diz: «primava na fé».

Poderemos todas nós dizer, nós que primamos em ser católicas militantes que os que dependem de nós «primam na fé»?

Eu sei que a fé é um dom sobrenatural, mas também sei, e isso é

que importa, que esse dom gratuito de Deus é susceptível de ser aumentado, assim como de diminuir e até de se perder.

Mas os pais, que, salvo raríssimas excepções, se não esquecem nunca de concorrer para que esse dom inicial da fé seja deposto na alma pelo baptismo, esquecem-se não raras vezes da obrigação que lhes assiste — no compromisso sagrado que tomaram (os padrinhos só são geralmente responsáveis caso os pais faltem) de fazer crescer esse dom inigualável — luz pequenina de vela a tremular em mão de criança — em facho imenso que alumie uma vida inteira.

E esquecem-se que toda a luz pode apagar-se ou por falta de alimento ou correntes de ar...

E isto é tanto para os rapazes como para as raparigas... Igual foi o preço do resgate, iguais portanto os direitos e as responsabilidades.

Dêmos, pois, a uns e outros, um conhecimento exacto, profundo da religião. Na maioria dos casos tudo se estuda, tudo se aprende, menos o que mais importa: saber conhecer, amar e servir a Deus e por esse meio salvar a nossa alma.

«E que, nas coisas de religião o sentimento deve proceder da fé e a fé cresce e desenvolve-se à medida que cresce e se intensifica o estudo das verdades reveladas», e «só é devoção firme e verdadeira a que lança raízes no dogma; qualquer outra é pelo menos insuficiente e imperfeita».

Façamos, pois, tudo quanto em nós couber para que os que de nós dependem «primem na fé».

E isto não só por um motivo sobrenatural — único que nos devia fazer agir — mas até com os olhos postos somente no bem terreno dos filhos.

E que se não souberem ver a Deus como único princípio e fim supremo da vida, nunca eles chegarão a compreender o verdadeiro sentido dessa mesma vida, nem a saberão viver em toda a sua plenitude.

Poderão humanamente atingir as culminâncias do poder, da ciência — a vida delas não deixará por isso de ser pobre, falha e falseada, caso a vivam na ignorância ou no desprezo daquele que é tudo em todos e em quem «nos movemos ágimos e somos».

(Continua)

# ◆ Sabes agora? ◆

— Pois é verdade, compadre, dizia o burriqueiro ao dobrar a curva do caminho. O diacho do padre não é tanso nenhum; a gente só pensa na barriga. Esfolam-se as mãos, escalda-se a cara de suor, carrega-se a alma de pecados, só para calar esta vibora que roí cá dentro.

— Mas também se a gente assim não faz nem corpo nem alma... Experimente a não comer e vai ver enquanto o Maneta lhe enche a boca de terra a sete palmos de fundo que é um ar que lhe dá.

— Ai está já você também a des-conversar. Há comer e comer. Uma coisa é a gente não deixar de fazer aquilo que é necessário para agüentar a vida e fazê-la estender até para lá dos cem — e os dinheiros! — e outra coisa é deixá-la tomar as rédeas do governo.

— Olhe lá! E o senhor João Corveta bom homem mas um pouco pingueiro em dias de folga, parou de pernas espedradas e o queixo apoiado no forehead do pau. Digame, continuou ele, e você não vê a dificuldade que há em encontrar com que encher a boca? Carne nem uma fêvera, peixe nem uma escama às vezes, de bacalhau um cheirinho só de quando em quando. Que menos pode ser? por pouco não estica um homem os canelos escarnados da lazeira, e ainda parece pouco!

— Eh João Corveta, aí é que eu o queria apanhar, papador de jan-

tares e alma de porco-sujo. Como você há por aí muitos milheiros de bilantras que já agora soubessem o que era fome e que a havia.

Lembre-se agora, compadre, você que foi sempre um unhas de fome para a pobreza, lembre-se a que os outros passaram enquanto você nadavam na abundância de tudo o que era bom. Pensa bem no que é a infelicidade de não ter.

Deixe lá, sempre tinha razão o padre.

— Hum...  
— Hum, não. Que se a Igreja nos diz que a gente deve fazer penitência sabe que a podemos fazer. Lá está o Papa na testeira com o Espírito Santo sobre a cabeça para o não deixar enganar.

Quando a Igreja dizia: é preciso comer menos meia dúzia de dias por ano, não comer carne às sextas-feiras, começavam logo todos a choramingar como mulheres e a murmurar como pedreiros-livres, não posso, não posso, «é uma injustiça!»

Então podes ou não podes? Agüenta vilão! O mundo sempre dá cada virote nas mãos de Deus!... Já sabes que podes?

— Mas a tal penitência do padre, sem a qual ninguém se salva, lá se vai!

— Ainda tens teu campo farto para mortificar esse ruim companheiro da alma. E se mais não for, faça da necessidade virtude.

## COMO SUBIR AO CÉU?

Qual pequenito que, chilreando e correndo, em vão procura apanhar a lua que sempre lhe foge, e, por fim, esmorece cansado e triste, muitos olham o céu como fantástica miragem inacessível e in-conquistável.

A linda deus foros de credibilidade a este desânimo com o mito dos gigantes que, por um dia terem tentado escalar o céu, foram fulminados por Júpiter.

O materialismo, doutrina absurda que não quer saber da Divindade, debalde procura convencer-nos de que o céu é exclusiva habitação de Deus e que céu e inferno são apenas cá neste mundo.

Empresa vã. Tempo houve em que o homem viveria aqui como numa antecâmara do Paraíso. Hoje não. A vida esvai-se entre duas lágrimas do berço ao túmulo. Por mais que o embelezem, este mundo não deixa de ser um verdadeiro vale de lágrimas, por onde passamos apenas como fugitivos *touristes* sem habitação permanente.

Deus criou-nos para Si. Reservamos a comparticipação da Sua Glória, se formos fiéis à Sua Vontade Divina. Nada enche nem satisfaz a ansia de infinito que nos devora, senão Deus.

Mas como O poderemos encontrar? Como achar o caminho para o céu?...

O homem mais rude e inculto bem o pode encontrar. Basta querer. Deus revela-se a quem sinceramente O procura. O céu é a herança de quem, a sério, se esforça por o lograr. Pois não é verdade que Deus nos cerca e penetra, que Ele nos mantém na vida, que pela Sua graça habita em nós? Oh! Quem dera que algum dia soubéssemos fechar-nos e enlar-nos ao mundo, para mais facilmente nos encontrarmos e falarmos com Deus!

Falar com Deus é orar. Falar-Lhe é ouvi-Lo. Sim, ouvi-Lo, que o Senhor também fala a quem sabe escutar. Orar é elevar a alma até Deus. E se a alma e o corpo totalmente se absorvem em Deus, realiza-se então uma perfeita forma de orar.

Contemplar a vida de Nosso Senhor, de Sua Santíssima Mãe, invocá-los, render-lhes graças pelos

bons recebidos, pedir-lhes perdão das ofensas feitas.

Parece-me ouvir a queixa lastimosa de muitos que não sabem ler: e como orar assim? Foi a própria Virgem que resolveu a dificuldade, ensinando-nos a formosa devoção do Rosário: E, de cada vez que os seus pés virgínicos nos últimos tempos pousaram na nossa terra miserável, sempre a Mãe do Céu nos veio recordar a devoção do Rosário. Lourdes e a Fátima provam-no à maravilha.

Os Papas, com Leão XIII à frente, são os grandes paladinos do Rosário. Porque hesitamos? O Rosário é a mais perfeita devoção a Nossa Senhora, e, depois da santa Missa, a devoção a Nossa Senhora é a mais alta prática da nossa santa religião.

Pelo Rosário repetimos as duas mais lindas orações que jamais subiram de lábios humanos: o Pai Nosso (ensinado pelo próprio Jesus) e a Avé Maria, síntese da veneração da Santa Igreja, de Santa Isabel e do Arcanjo São Gabriel para com a nossa Mãe do Céu.

Mas o Rosário não é, não pode ser um simples balbuciar de preces mais ou menos conscientes. Enquanto língua e lábios se ocupam a entretecer essa magnífica coroa de louros à Virgem, vão-se as nossas três faculdades, memória, entendimento e vontade ocupando na contemplação dos divinos mistérios, na meditação da vida de Jesus e de Maria. Recordam-se os mais altos factos da nossa História Divina, sujeita-se à fé a razão, e a vontade afervora-se na imitação dos mais acabados modelos que lhe é dado copiar.

Pulsa o coração ora de santo entusiasmo e alegria, ora de pena e dó, ora de compunção e arrependimento, segundo o mistério que se contempla. O Rosário é na verdade um resumo da Bíblia, até para os que não sabem ler.

Outubro, mês do Rosário, marque um passo em frente. Nem um só dia sem o Rosário ou o terço em família, na igreja ou ao menos a sós! O Rosário será a escada para subirmos ao Céu.

Galamba de Oliveira



OCASIÃO ÚNICA

de comprar barato!!

Meias de algodão c/Reforço 2\$50, 2\$20 e ...	1\$90
Meias de escócia fina 6\$50, 5\$00 e ...	3\$90
Meias de linho fino c/costura 9\$50, 5\$40 e ...	4\$50
Meias de seda transparente 9\$60, 8\$50 e ...	7\$40
Peugas de algodão fortes 1\$90, 1\$70 e ...	1\$30
Peugas escócia fantasia 6\$50, 4\$20, 3\$60 e ...	2\$90
Camisas Zefir lindos padrões 17\$50, e ...	11\$00
Camisas de malha m/ manga saldo ...	14\$50
Cuecas Zefir fortes 8\$70, 6\$20 e ...	5\$60
Lençóis de bom pano 1m.20 19\$00 e ...	17\$00
Almofadas grandes de pano forte 3\$60, 3\$20 e ...	2\$50
Travesseiros grandes bom pano 6\$60 e ...	6\$00
Lenços grandes brancos para homens ...	1\$25
Sombrinhas grande reclame desde ...	35\$50
Guarda-Chuvas grande saldo desde ...	39\$50
Parures bordadas reclame 32\$50 e ...	27\$50

Continua a grande liquidação de sedas e todos os artigos de verão por preços a menos de metade. Peçam amostras grátis ao Armazem de revenda de A COMPETIDORA DE MEIAS R. Arco Marquês do Alegrete, 89-1. Próximo ao Rocio — LISBOA

### REMEDIO D.D.D.

A acção curativa e calmante do Remedio D. D. D. tem efeito immediato porque, sendo um liquido antiséptico penetra na pele — nos locais onde a afeição se manifesta.



Por este motivo o Remedio D. D. D. é de um valor inestimável para todos os casos de: Espinhas, erupções, furúnculos, úlceras, varizes, eczema, inrredaduras de insectos, comichão, feridas infectadas, e toda a variedade de doenças de pele.

A VENDA NAS FARMACIAS E DROGARIAS

Importante: Se preza a saúde e frescura da Pele, use um sabonete extrapuro, o sabonete D. D. D.

D.D.D. O Remedio para a pele

### E há mais...

o CALENDARIO DE NOSSA SENHORA DA FATIMA (1944),

primoroso para brindes, finalmente ilustrado a *offset* e o

ALMANAQUE DE NOSSA SENHORA DA FATIMA (1944) género popular, com 160 páginas, ilustrado, com as indicações indispensáveis ao lavrador para sementeiras e colheitas e páginas de recreio e utilidades.

Cada exemplar, tanto do Almanaque como do Calendário, 1\$00. Pelo correio, até 20 exemplares, mais \$50. Até 50 exemplares, mais 1\$00. Não se atendem pedidos a cobrança.

Pedidos à Administração da «STELLA».

## Medalhas Religiosas

encontra-se à venda no Santuário da Fátima, toda a edição das preciosas medalhas religiosas assinadas, pelo escultor JOÃO DA SILVA

# O Marrequinha

# Graças de N.ª Senhora da Fátima

## AVISO IMPORTANTE

**Dora-avante todos os relatos de graças obtidas devem vir autenticados pelo Rev. Pároco da freguesia e acompanhados de atestados médicos quando tratem de curas. De contrário não serão publicados.**

## NO CONTINENTE

**D. Maria C. Carvalho, Póvoa de Varzim,** diz que sentiu imensas dores numa vista que principiou a inchar. Consultou vários médicos que a fizeram examinar nos Raios X, descobrindo então um tumor ulcerado por trás da vista. Era urgente uma intervenção cirúrgica, declarando os médicos à família que não asseguravam o bom resultado da operação. Foi então que se voltou para Nossa Senhora da Fátima, pedindo que lhe valesse. Nossa Senhora ouviu a sua prece; pouco a pouco aquele horrível mal foi desaparecendo até que se sentiu curada, contra toda a expectativa dos médicos. Cheia de reconhecimento vem tornar pública a graça recebida, agradecendo-a à Santíssima Virgem, juntamente com outras muitas graças por sua mediação alcançadas.

**D. Júlia Soares Canas, Coimbra,** diz que tendo o seu marido adoecido gravemente com uma congestão pulmonar, e achando-se já desenganado pelos médicos, recorreu prontamente a Nossa Senhora da Fátima, e foi atendida na sua aflicção. Tendo posteriormente adoecido com uma bronco-pneumonia, passou a ser sustentado com balões de oxigénio, afirmando os médicos que apenas teria algumas horas de vida. De novo a piedosa esposa recorreu a Nossa Senhora da Fátima e ao Sagrado Coração de Jesus, e a sua prece foi ouvida.

**D. Maria Isabel Tripeça, Chamusca,** diz: «Adoecei em 1929, ficando num estado de completa fraqueza; passados dois anos de tratamento sem resultado, um dos médicos declarou-me que eu não poderia trabalhar mais, pois qualquer esforço me seria fatal. Foi então à Fátima e cheia de fé e confiança implorei de Nossa Senhora a cura que os médicos me não podiam dar, prometendo voltar lá, com toda a minha família, entregando, nessa ocasião, para o culto da Virgem Santíssima um cordão de ouro que possuía e publicar na «Voz da Fátima» a graça recebida. Graças a Nossa Senhora da Fátima fiquei curada, podendo desde então fazer o meu trabalho de dona de casa, e passados seis meses cumpria em Fátima a primeira parte da minha promessa, vindo hoje completamente curada».

**D. Lúcia Leite da Silva Gonçalves Lopes, Guimarães,** diz que tendo o seu marido adoecido com febre tifóide, duvidando muito o médico se o poderia salvar, recorreu a Nossa Senhora da Fátima, dando a beber ao enfermo, durante nove dias, água do Santuário da Fátima, fazendo ao mesmo tempo a novena em honra de Nossa Senhora, sucedeu que o doente principiou a melhorar ficando completamente curado.

**D. Maria das Neves, Gondomar,** tendo uma ferida numa perna havia cinco anos, recorreu a Nossa Senhora da Fátima, pedindo-lhe a sua cura e prometendo rezar o «Terço» todos os dias e confessar-se e comungar nos dias 13 durante um ano. Sucedeu, pois, que dentro de três meses se encontrou curada.

**D. Henriqueta Conde Barradas, Fronteira,** agradece reconhecida a Nossa Senhora da Fátima a cura de um tumor na garganta em 1928. Peço humildemente perdão à Santíssima Virgem pela demora que teve em cumprir a sua promessa de dar publicidade a esta graça.

**José Manuel Henriques Guia, Sabrosa** — Tomar, diz: «Estando minha mulher em grande aflicção na iminência do seu primeiro parto, recorri a Nossa Senhora da Fátima, fazendo então a promessa de ir à Fa-

tima, de se confessar e comungar se tudo decorresse sem grande novidade. Horas depois, nasceu uma menina a quem põe o nome de Maria de Jesus». Gostosamente foi à Fátima dar cumprimento às suas promessas e, como também prometeu, vem tornar público o seu «muito obrigado» à Mãe do Céu.

**D. Bárbara Dias de Matos, Fundão,** tendo estado muito doente, mesmo em perigo de vida, com poucas esperanças de melhorar, uma pessoa de família pediu muito a Nossa Senhora da Fátima que a curasse, oferecendo uma esmola e prometendo mandar publicar a graça na «Voz da Fátima», Nossa Senhora curou-a.

**D. Maria G., Barcelos,** vem agradecer a graça que Nossa Senhora da Fátima lhe alcançou em setembro de 1935.

Encontrando-se com muitas dores num ouvido, declarando o médico ser uma furunculose, sucedeu que do dia 12 para o dia 13 passou toda a noite a rezar e a chorar, pedindo a Nossa Senhora que se compadecesse dela. Adormeceu na madrugada, o que havia muito tempo não conseguia, acordando pela manhã quasi bem; levantou-se e foi agradecer a Nossa Senhora, na igreja, as melhoras que de cada vez se foram acentuando mais. Vem publicamente agradecer à Santíssima Virgem esta graça, bem como outras muitas, especialmente a cura duma doença grave de seu marido.

**D. Maria Belmira Gonçalves, Santiago de Litim,** diz que o seu marido Manuel Gonçalves fora internado no Hospital de Pombal com a terrível doença do tétano, julgando um caso perdido, foi-lhe dada alta no Hospital, declarando o médico que não chegaria vivo a casa. Lembrou-se então a esposa de recorrer a Nossa Senhora da Fátima, fazendo algumas promessas. Nossa Senhora atendeu-a em tão grande aflicção, pois o seu marido foi curado. Fora de si de alegria vem tornar público o seu reconhecimento à Mãe do Céu por tão grande graça e por outras muitas que lhe tem alcançado.

**António de Sousa Campos, Mondim de Basto,** tendo sido acometido dum ataque de reumatismo agudo, no dia 2 de Maio de 1933, cheio de dores recorreu a Nossa Senhora da Fátima fazendo uma novena de comunhões que terminou no dia 11. Graças à Virgem Santíssima, sentiu tais melhoras que nesse mesmo dia seguiu para Fátima a agradecer a Nossa Senhora.

**Joaquim Monteiro da Silva, Cantanhede,** tendo pedido a Nossa Senhora da Fátima a cura de seu genro, Arménio António de Oliveira, que chegou a estar desenganado dos médicos com uma grave doença, vem agradecer à Santíssima Virgem o tê-lo atendido, pois o doente começou logo a melhorar, encontrando-se completamente curado.

## NA MADEIRA

**Manuel José Júnior, Funchal,** apareceu-lhe de repente um terrível mal junto à espinha dorsal, ficando sem se poder mover; recorreu fervorosamente a Nossa Senhora pedindo-lhe a cura. Sucedeu que na noite seguinte, sem dar por isso, o tumor remontou e volvidos três dias estava curado, o que atribui a uma especial graça da Mãe de Deus.

## NO BRASIL

**D. Esther Barbosa Leite, Boim, Paraíba,** sofreu há anos de uma dor no estômago, que os médicos diziam ser inflamação do duodeno. Tendo consultado os melhores médicos e feito sérios tratamentos não conseguiu que tal dor lhe passasse. Sucedeu que lhe chegou às mãos um número da «Voz da Fátima» cujo relato das graças feitas por Nossa Senhora leu. E então, diz: «resolvi a pedir-lhe também a sua valiosa protecção, prometendo, no caso de ficar curada, mandar anunciar a minha cura nas páginas da «Voz da Fátima». A Virgem veio em meu auxílio, e eu fiquei completamente curada, mas fui um pouco descuidada, pois tenho demorado em cumprir tal promessa. Peço perdão à

Nossa Senhora da Fátima do meu descuido e apresso-me agora a cumprir o prometido».

## NOS AÇORES

**D. Rosalina Vieira Pereira, Sanguinhes, Faial,** casada, de 34 anos de idade, vindo há sete anos do Brasil, tuberculosa, consultou vários médicos e deu entrada em dois Hospitais de S. Miguel, sem experimentar quaisquer melhoras. Achou-se radicalmente curada, depois de invocar com muita fé e confiança Nossa Senhora da Fátima, e continua agora de perfeita saúde, o que atribui a especialíssima graça de Nossa Senhora da Fátima.

**D. Helena V. de Freitas, Ponta Delgada,** diz que, devido a uma constipação, esteve muito mal da garganta. Cheia de aflicção e confiança recorreu a Nossa Senhora da Fátima, pedindo-lhe que a curasse. Cinco dias depois de ter recorrido à Santíssima Virgem, principiou de repente a falar naturalmente como antes. Graça esta que, juntamente com outras muitas mais, vem agradecer publicamente à Mãe de Deus.

## Agradecem graças obtidas por mediação de Nossa Senhora da Fátima:

- D. Maria de Castro Parreira, Açores.
- D. Elvira Nunes, Terceira.
- D. Judite Alcáide Fernandes, Alandroal.
- D. Maria Guilhermina, Caminha.
- D. Leonor de Melo e Castro, Chamusca.
- D. Alice Martins Lirio, V. F. de Xira.
- D. Ana Martins das Neves, Gondomar.
- D. Maria da Conceição Ataíde de Oliveira Lemos, Pico.
- D. Mariana da Conceição Papa, Peniche.
- D. Maria Ascensão, S. Miguel (Açores).
- D. Laura e José Agostinho Montelero, M. de Cavaleiros.
- D. Maria Adelaide Magalhães Correia, S. Pedro do Sul.
- D. Emília das Neves, Ribeira Velha.
- D. Lidulma Agueda Machado, P. Delgada.
- D. Margarida Ferreira Sousa, Porto.
- D. Rosa das Neves, Porto do Carro.
- D. Olívia Esther Henriques, Póvoa.
- D. Maria das Neves Trovão, Porto.
- José Rodrigues Alves, Canelas.
- António José de Lima, Ponta Delgada.
- D. Maria S. Lagrife.
- Alberto Pinto Barbosa, Arouca.
- D. Luísa Maria Ribeiro Oliveira, Paços.
- D. Aurélio Leite, Porto.
- Manuel Pedro, Carrasqueira.
- D. Maria Augusta Teixeira da Silva.
- José Lopes da Cunha, Macedo de Cavaleiros.
- Mentina Lucinda Silveira de Andrade.
- D. Constança da Glória Rodrigues.

Estava acabada a feira. No terreiro empoeirado que, mês a mês, naquele dia, se entulhava de gado, cereais, loiças, quinquilharias e alguns produtos das raras hortas compatíveis com a região agreste e pedregosa, ficavam ainda, somente, algumas vendedeiras de tremoços e bebidas a atenderem aquêles que a «fúria» do negócio mal lhes consentira enganar a fome e a sede durante o longo e encalmado dia.

Tinha sido uma feira de encher o olho e a algibeira. Até os mendigos, de sacola ou alforje volumosos davam ao cajado pela estrada fora com a pressa de chegarem aos seus tugúrios ou de trocarem os cobres por refeição mais substancial do que a tasca que lhes ficasse em caminho.

Dos últimos a deixar o chão da feira e que melhor colheita tinham feito de esmolas, eram os já por all bem conhecidos, «Marrequinha», cujo rosto atraía toda a simpatia e cujo corpo raquítico e deformado despertava toda a compaixão, e um homem de meia idade que, de robusto e fiavel-encarado, contrastava inteiramente com ele. A única coisa que os irmanava era a miséria e sordidez do traje.

Enquanto o «Marrequinha» estendia nas feiras a mão exangue e des-carnada, o homem ajudava a cargas e descargas ou outros serviços e só assim obtinha qualquer esmola.

Eram agora também dos menos apressados como quem nada espera de melhor nem para o corpo nem para a alma — se é que tinham qualquer noção, por mais rudimentar, da existência desta.

— E se ficássemos hoje por aqui? inquiriu a certa altura o «Marrequinha». Talvez não encontremos depois um abrigo como este...

E designava uma mata bastante cerrada dum dos lados da estrada, a poucos passos.

— Fica tu, se quiseres, minha lesma! mas passa-me para cá as massas e toma lá um pedaço de pão...

— Eu, sózinho, não! gaguejou o rapaz retezando a mão em recusa do pão que o homem tirara do saco e lhe apresentava. Mas doem-me tanto as costas... e as pernas...

— E a língua não te doi, para acabares com as lamúrias?

O tom era tão desagradável como as palavras. Contudo, um lampejo de interesse fazia fulgurar os olhos negros que se fixavam no rosto desfeito do «Marrequinha».

Interesse, sim; o desgraçadito era o seu ganha-pão. Raramente lhe recusavam uma esmola e tudo passava para o bernal daquele a quem o «Marrequinha» andava acorrentado desde pequenino, que se dizia tio dele, mas proibindo que o designasse como tal. Fosse a quem fosse, pois armava muito melhor à caridade passando por não ter parentes nem ninguém que olhasse por ele.

— O melhor, disse após um momento de reflexão e com certa brandura, é ficares aqui à beira da estrada e, quando passar algum carro, pedes que te levem até à vila. Lá te espero... no Zé da Tenda.

— Pois sim, respondeu resignado o «Marrequinha».

Esvaziou o bolso na mão do tio, sem esboçar sequer um protesto, pegou no pão e, estendendo-se na relva assequinhada que tapetava a valleta, pôs-se a roê-lo.

Teria decorrido talvez uma hora quando, do lado da feira, surgiu saltitante uma carrocinha guiada por uma mulher forte, de aspecto decidido, vendedeira habitual — a Rosa Quinquilha.

Era um coração de ouro e não teve em si que não sustivesse o cavallito ao ver o «Marrequinha».

— Então, ficaste aqui? perguntou. Já não podes dar passada, não é assim? E o malandro do teu companheiro, está claro, pôs-se a acavar... Olha que aquilo não é boa abiscar... Mas que tens tu aí na camisa? E sangue?!

— É duma ferida que volta e meia abre... E não é só esta!

— Oh, rapaz! Mas o que tu precisas é ir pró hospital! Que necessidade tens tu de andar por aí nessa miséria? P'ra que é que se fazem e sustentam hospitais e asilos, não me dirás? Anda daí que eu te levo!

— Se calhar não me querem receber...

Era a vez se escapava tal o horror que o tio lhe metia com os hospitais, recoso de mais dia menos dia ficar sem as esmolas que o «Marrequinha» auferia.

— «Cais» não quereis! Vocês é que se calhar não andam com a consciência limpa e têm medo de se chegar para quem pode chamá-los a contas! Que gente esta que nem para si presta!

— Mas eu nunca fiz mal a ninguém...

— Oh, rapaz! Mas estás a fazê-lo a ti mesmo se não saltas já cá para cima! Não me faças perder a paciência nem mais tempo, que vou com pressa.

Com a ajuda da muleta e da mão vigorosa que a Rosa Quinquilha lhe estendia, o «marrequinha» lá ficou como pôde as pernitadas e sentou-se ao lado da bondosa feirante. Ia um bocadinho enfiado e, ao entrar na vila, recoso de passar pela taberna onde ficara de se encontrar com o tio pois já estava quasi convencido de que o hospital não era coisa tão má como ele lho pintara.

Felizmente a carrocinha meteu por outra rua e duas horas depois o «Marrequinha», lavado, alimentado e com as feridas pensadas enfiava-se numa cama alvina de neve, coisa que nos seus dezassete anos nunca lhe tinha sucedido.

Uma Religiosa entrava pouco depois na enfermaria e ele, após um momento de surpresa, quasi deslumbramento, virava o rosto para a parede dizendo com os seus botões:

— Ah, já sei! É uma das tais freiras... Não tarda que não venha p'ra aí «chatiar» a gente com as suas parvoíces... Deixa... que, p'ra cá, avens de carrinho...»

Na manhã seguinte, chegava a vez do Capelão do Hospital se aproximar do «Marrequinha» que não achou nada melhor a fazer do que fechar os olhos e fingir que dormia.

O sacerdote deteve-se uns instantes a observá-lo, fez algumas perguntas a meia voz ao enfermeiro mostrando o seu interesse pelo novo internado e passou à frente demorando-se em cada leito sobre o qual às vezes se sentava um pouco. Com todos conversava, com todos ria; nenhum tinha sono, todos ansiavam pela sua vez de lhe falar ou de o ouvirem se a doença era tão grave ou a fraqueza tanta que mal podiam articular palavra.

Do seu canto, o «Marrequinha» ia piscando o olho para observar o que se passava. Um padre então era assim um homem tão dado, tão dado, tão bondoso de que toda aquela gente gostava tanto?!... E então a Irmãzinha?... Quando ela aparecia, tão branquinha, tão suave, que festa!

O Capelão, ao sair da enfermaria de novo costou o leito do «Marrequinha» que abriu os olhos, mexeu e remexeu desejoso já de lhe chamar a atenção. Mas o sacerdote fingiu que não dava por nada e foi-se embora.

A tarde já se sentava sobre o leito do «Marrequinha» que é hoje um dos seus mais fervorosos amigos.

Suficientemente instruído, vai em breve o «Marrequinha» receber o Sacramento do Baptismo. Diz que nem que se cure nunca mais quer sair do hospital. E tem lá tantas simpatias que é capaz de obter colocação, entre o pessoal, para algum serviço compatível com a sua débil e deformada constituição.

## «VOZ DA FATIMA»

### DESPESAS

Transporte ... ..	2.816,51\$50
Papel, comp. imp. do n.º 252 ... ..	23,63\$50
T. r. a. n. g. Embalagem, transporte do n.º 252	6,40\$87
Na administração ... ..	306\$00
<b>Total ... ..</b>	<b>2.846,55\$87</b>

### Donativos desde 15\$00

- D. Clara Maria — Miranda do Corvo, 2\$00; D. Constança Barreto — S. da Bandeira, 16\$00; D. Sara Lemos Gasca, Porto, 15\$00; Directora do Colégio de Santa Dorotea — Lisboa, 20\$00; P.º Manuel Rodrigues — Cartago 20\$00; D. M.ª Helena Rosais — C.ª da Rainha, 17\$00; P.º Ant.º José Quassado — V. do Castelo, 15\$00; D. Maria F. Miranda — Lagos, 15\$00; D. Maria B. Póvoas F. e S. — Mangualde, 25\$00; Dr. João M. de Freitas — Guimarães, 20\$00.

# CONVERSANDO INCENTIVOS A CULTURA AGRÁRIA DE SUBSISTÊNCIA

Em 2 de agosto último foi criada pelo decreto n.º 32.945 a *Intendência Geral dos Abastecimentos* com o encargo, enquanto durar a guerra, de determinar as existências de produtos alimentares no País e promover a sua distribuição pela população de modo que, na gravíssima crise que atravessamos, possa chegar a todos algum sustento de vida. Para o desempenho desta patriótica missão, publicou o decreto n.º 33.020, de 1 de Setembro, as convenientes instruções no que respeita a cereais, e aí se consigna, relativamente aos produtores, que «a utilização das reservas de trigo, centeio e milho para consumo próprio e das casas agrícolas, não poderá exceder a quantidades autorizadas pelas comissões reguladoras do comércio concelhio, segundo as normas estabelecidas pela *Intendência Geral dos Abastecimentos*».

Quererá isto dizer que nada mais há a fazer com rumo aos referidos objectivos?

De modo nenhum. Para efeitos de distribuição, a notação das existências de produtos alimentares é essencial, e o seu repartimento, dentro da possível equidade, essencial é também. Mas se tudo isso se fizer sem atender às condições da produção agrícola, a breve trecho chegaremos ao reconhecimento de que as porções de subsistências, de facto, se reduzirão sucessivamente.

Parece, pois, que o novo regime se deverá interpretar e desenvolver em reacção com as condições da produção respectiva. E desta sorte a *Intendência Geral dos Abastecimentos* não deixará de ir, para melhor acudir aos consumidores, no sentido dum regime especial de protecção aos produtores agrários de subsistências, separando-os, para tal efeito, de todos os outros produtores, pois que aqueles servem uma função fundamental de vida na sociedade com produtos de que a cada momento carecemos e de que ninguém pode prescindir; estes não deixam também de servir, mas só indirectamente. Os primeiros são os que têm mais restrito o direito de dispor dos próprios produtos e de determinar os respectivos preços, sendo até, em maior número de casos, considerados simples depositários; os segundos, ao mesmo tempo que gozam de maior liberdade de comércio, podem sustentar preços desproporcionadamente mais elevados, mediante clientelas mais poderosas.

Justo é, por conseguinte, se entre francamente num caminho de especial protecção aos produtores agrários de subsistências por motivos urgentes de salvação pública.

«Não é certo que o Estado já proíbe se façam determinadas explorações em terrenos que melhor se prestem à produção de pão? Não é igualmente certo que os produtos agrários de 1.ª necessidade estão a faltar?»

Pois bem; neste momento vêem-se terrenos que, sendo, ainda há pouco aplicados com bons resultados a culturas de milho e batata, se empregam, com fins industriais, na produção de pimentão e de cânhamo. Pior, portanto, visto que semelhantes explorações, embora económicas, não são, todavia, de géneros de tanta necessidade e poderiam ser obtidas de outra forma e em outros lugares, sem prejuízo da subsistência pública.

Dai a razão para que tendamos a um regime de especial protecção aos produtos agrários de subsistências, garantin-

do-lhes, sobre outras vantagens, que, nas reservas a autorizar para consumo pela *Intendência Geral dos Abastecimentos*, quando notoriamente reconhecidos como incapazes de abuso, se compreenda uma percentagem maior para tornar praticamente realizáveis os salários dos seus trabalhadores e cumprir, por actos de auxílio mútuo e de bem-fazer, os deveres tradicionais de boa vizinhança na freguesia e no concelho. Assim, será manter a melhor forma de solidariedade nos apertos da crise que atravessamos. O lavrador, nos meios rurais, não é só o chefe de sua família; é também o cidadão que, cooperando com outros, fomenta a unidade e a paz, por grupos sociais mais largos, dentro da Pátria comum.

De notar é, além disto, que as bases da alimentação na população portuguesa não são as mesmas por toda a parte, predominando como tais, por exemplo e mais destacadamente, no Alentejo, o trigo, a carne de porco e o queijo, e, no Minho, o milho, a carne de vaca e a manteiga; e isto por diferenças de solo e clima e de antigos hábitos formados.

E desta sorte somos encaminhados a concluir que, na distribuição dos produtos, não deve haver a preocupação de os proporcionar igualmente à população de todos os concelhos, mas de dar à dos concelhos em que foram produzidos a maior percentagem, não só como estímulo à produção, mas também pela consideração de que constituem, aí a base de alimentação a que, de remotos tempos, vêm acostumados.

Longo de mais vai já este artigo. Como nota final destacaremos apenas que é de subido alcance para a ordem pública a missão da *Intendência Geral dos Abastecimentos*, e que, na leal colaboração que se lhe dedique, há lugar para os mais generosos impulsos da divina Caridade Cristã.

17 Setembro

A. LINO NETTO

## TIRAGEM DA «VOZ DA FATIMA»

NO MÊS DE SETEMBRO

Algarve ... ..	7.665
Angra ... ..	21.026
Aveiro ... ..	9.276
Beja ... ..	6.224
Braga ... ..	80.202
Bragança ... ..	13.012
Coimbra ... ..	14.949
Évora ... ..	4.838
Funchal ... ..	13.915
Guarda ... ..	18.767
Lamego ... ..	10.469
Leiria ... ..	14.890
Lisboa ... ..	14.863
Portalegre ... ..	12.590
Póvoa ... ..	53.431
Vila Real ... ..	25.166
Viscu ... ..	10.681
<b>Total</b> ... ..	<b>331.964</b>
Estrangeiro ... ..	3.696
Diversos ... ..	16.420
<b>Total</b> ... ..	<b>352.080</b>

Visado pela Censura

# — PALAVRAS MANSAS — AINDA A GUERRA

«O Senhor o conserve e vivifique e não deixe nas mãos dos seus inimigos!»

Como nos dias de Pedro, tão fecundos e fervorosos, toda a Igreja, deve rezar assim, incessantemente pelo Santo Padre Pio XII. Num mundo todo revoltado e devastado pelas armas, a grande arma, se nós quisermos, continuará a ser a oração, porque Deus anda tão perto dos homens que quasi se pode dizer com Ortega y Gasset: Deus à vista.

Há egoísmos profundos e sistemáticos e ambições ingentes e desvaireadas que vão recebendo golpes inteiramente imprevisíveis e como que vibrados por mão sobre-humana e há desgraças sem nome, cujo panorama é para todos nós conflagrante e tremendo, que têm a certeza absoluta de não poderem encontrar na terra, só na terra, reparação e consolo. Como a Escritura, a experiência está também a dizer todos os dias que não se foge de Deus impunemente...

Ruge, pavorosamente a tormenta. — **Salvai-nos, Senhor, que perecemos!**

Que orgulhos, que mitos, que sectarismos, que cegueiras, que desvios, que misérias obstem a que se clame assim por toda a parte?...

Que esperamos nós dos homens, se tão pouco esperamos de nós próprios?... Desgraçadamente a guerra está a dizer-nos todos os dias até onde chega e para que serve o esforço dos que mais culminam e valem. Comandam melhor ou pior, mas, por mais alto que se encontrem, são também comandados por factores que, para eles próprios, são em grande parte um mistério. No que hoje para todos é surpresa, ver-se-á amanhã o encadeamento dum lógica formidável que leva diante de si os homens e os acontecimentos.

Se os grandes estadistas, nas horas de crise, costumam ter a serenidade dos grandes cabos de guerra no mais aceso das batalhas, porque é que eles não procuram atenuar as suas responsabilidades, sofrendo as ambições e os ódios que põem as nações a ferro e fogo por esse mundo em fora?...

Os mortos falam e as ruínas acu-

sam, hoje, amanhã e sempre! Os que julgam a terra — é assim que diz a Escritura — julgam-se também a si próprias...

Se há responsabilidade tremenda, nos dias que vão correndo, é a de obstar a que a justiça e a paz se dêem as mãos e osculem sinceramente. Nos dias que vão correndo, tão tristes e amargurados para os que não têm pão nem lar, nem ilusões, nem futuro...

Até em Danton havia um propósito de emenda quando disse a Camille Desmoulins, em plena revolução: vê o que para aí se tem feito; leva sangue o próprio Sena!

Roguemos, portanto, a Deus que torne esses homens justos, equitativos, humanos...

Numa fotografia recente vê-se Pio XII à porta de uma igreja, numa das ruas de Roma. Descoberto, as mãos erguidas, os olhos postos no céu. Todo da sua missão pastoral, todo de Deus. Sem côrte e sem aparato, compadecido e triste, mais do que nunca Vigário de Cristo crucificado. Além de dilacerar o seu rebanho, a guerra deu também à sua cidade de Roma um suplemento de ruínas.

O Santo Padre conforta os vivos e sufraga piedosamente os mortos.

Que variedade de expressões no povo que o rodeia! Surpresa, espanto, queixa, apêlo, amor, veneração, curiosidades... É que o Papa continua a ser em Roma o Papa-Rei dos que sofrem. Sempre, a defender a paz, sempre a chamar pela paz. Os pais não amam a guerra.

Até 1870 o Papa tinha os seus Estados — os Estados pontifícios. Aquisição de todo o ponto legítimo, posse de séculos, autoridade equitativa e suave. Soberania temporal de direito e facto.

Para integrar esses Estados na Itália unificada, deram-se as mãos, mais avêlicamente, o doutrinário de Gioberti, a diplomacia de Cavour, a audácia de Garibaldi e a ambição de Victor Manuel.

A chamada Questão Romana foi muito debatida na tribuna e na imprensa. Na vanguarda dos que defendiam os direitos da Santa Sé, Veuillot, impetuoso e sarcástico, cuja pena, no dizer de Pio IX, valia por um exérci-

to. Lacordaire, o fulgurante orador, sobrepôs, como sempre, a sua fé religiosa ao seu liberalismo político, para dizer estas memorandos palavras:

— italianos, a vossa causa é bela, mas vós não sabeis honrá-la!

Até que a monstruosa espoliação se consumou, entre a indiferença de governos, que se diziam católicos e o gáudio das nações cismáticas e protestantes...

Convinha realmente aos interesses superiores da civilização cristã que o Papa continuasse a ser nos seus Estados um soberano independente? Convinha também à Itália respeitar os direitos seculares do Pontífice Romano?...

Há perguntas formuladas neste ou naquele momento a que Deus responde, quando lhe apraz, com uma clareza solar.

\* Rezemos com o Papa e pelo Papa. Como dizia Pio IX, haja o que houver Pedro não morre.

Correio Pinto

## PALAVRAS DE UM MÉDICO

(2.ª Série)

XXXVII

# SOLIDARIEDADE

Na véspera da minha saída de Melgaço, depois da habitual cura de Aguas, assisti a uma cena que muito me impressionou.

Ao entardecer, estavam os hóspedes do hotel a repousar em confortáveis cadeiras, quando aparecem dois pobres de espírito muito conhecidos a pedir esmola: O «Herculaninho» e o «Pepe da gaita». É muito curiosa a história destes débeis mentais, que toda a população aquísta conhece e benevolmente socorre.

O «Herculaninho» era filho de uma mulher solteira, que o criou desveladamente. Não pode ouvir-se de olhos enxutos a narrativa da morte de sua mãe feita pelo pobre homem, que ficou inteiramente abandonado. A mãe possuía umas pequenas propriedades, que entregou a uns vizinhos, com a condição de lhe tratarem bem o filho.

E parece que não o tratam mal, desde que ele leve para casa o bôlso bem recheado de moedas, que obtém dos «camaradas e amigos» que, no verão, enchem os hotéis da estância.

Vou agora apresentar o outro parvo: o «Pepe da gaita». Enquanto que o «Herculaninho» é azambrado, de baixa estatura, de corpo desajeitado como o Rigoletto, o Pepe é direito, de estatura mais elevada e desembaraçado no andar. É filho de pessoas que ocuparam papel de certo relevo na sociedade. Foi músico militar e, desse tempo, ficou-lhe o jeito para tocar uma gaita, que lhe deu a alcunha. Ultimamente, meteram-lhe na cabeça que era proibido tocar gaita, sem prévia licença e pagamento de contribuição.

Por isso, abandonou o seu instrumento predilecto, e vagueia contando episódios da guerra pelas aldeias do Alto Minho e da Galiza.

Enquanto que o *Herculaninho* é ambicioso, forreta e não larga os hóspedes a pedir a sua esmolinha para entregar aos patrões, o *Pepe* é desinteressado, completamente alheio a ambições. Numa romaria, deram-lhe uma vez uma perna de carneiro cozido e pão em abundância. Passando por uma mulher andrajosa e macilenta, o *Pepe* disse-lhe: — «Você tem fome...» — e entregou-lhe tudo quanto levava.

Foi entre as duas criaturas que se passou a cena. Depois de fazerem a sua colheita de esmolas, o *Pepe* aproximou-se do *Herculaninho* e entregou-lhe uma c'roa. Não contente com isso, remexeu os bolsos e disse-lhe: — «Pega mais um tostão dos novos...» Por último, diante do pasmo de todos, o *Pepe* abraçou e beijou carinhosamente o *Herculaninho*.

Que feliz seria a humanidade se todos fôssemos amigos e solidários como estes parvos!

Pacheco de Amorim

J. A. Pires de Lima

## Crónica financeira

O fim que nos propusemos quando aceitámos o honroso encargo de redigir estas crónicas, foi o de sermos úteis aos nossos leitores em geral e em especial aos lavradores que nos dessem a honra de nos lerem com atenção; entendendo por lavradores toda a gente que vive da agricultura, ou porque nela trabalha ou porque dela tira as suas rendas. Com este mesmo propósito vamos hoje contar-lhes um caso autêntico, passado na outra guerra, mas cuja lição se aplica também a esta e precisamente nos mesmos termos.

Vivia nesse tempo em Coimbra um capitalista muito abastado e que, apesar de não ter filhos, era agarrado ao dinheiro como se os tivesse. Logo que a guerra começou e com ela a falta de segurança o nosso homem perdeu o sono por não saber como segurar o seu dinheiro. Como por si só não atinasse com a solução de tão complicado problema, resolveu-se a consultar pessoas entendidas, uma das quais foi o meu saudoso e muito querido mestre Doutor José Bruno de Cabeda, lente de Matemática da Universidade, inteligência fulgurante, vastíssima cultura, e demais a mais homem riquíssimo e sagaz administrador. Não podia bater a melhor porta. O Doutor Bruno era homem muito afável e esplêndido conversador, mas inimigo dos burros. Se avistava ao longe qualquer estúpido das suas relações, fugia a sete pés. Gostava muito de conversar, mas só com quem o entendesse... o que não era para todos, porque o Dr. Bruno era águia que voava muito alto.

Pois foi o Doutor Bruno um dos consultados pelo nosso homem que o abordou lamentando-se das dificuldades em que se via para administrar o seu dinheiro. Tudo eram peias, tudo dificuldades, tudo incertezas. A guerra ia-se estendendo pelo mundo fora e não era fácil de prever até onde chegaria nem no espaço, nem no tempo. Cá dentro a desordem, lá fora a guerra. Que fazer no meio de tantos perigos? As terras, essas estavam seguras: vai a guerra, vem a guerra e fica a terra. Mas os papéis? Mas o dinheiro? Esta é que era a dificuldade máxima. Quais preferir? Os nacionais? Mas quais? Os do Estado, ou os das empresas particulares? E destas ainda quais? Acções, ou obrigações?... E dos estrangeiros quais escolher? Os ingleses? Os norte-americanos? Os franceses? Os brasileiros? Os mexicanos? Quais?

O Dr. Bruno ouviu pacientemente o nosso homem e por fim perguntou-lhe: Mas afinal que é que o meu amigo quer que eu lhe diga?

— Oh! Dr., eu queria me dissesse que papel devo comprar para segurar o meu dinheiro?...

— Olhe, compre papel almasso que esse terá sempre quem o queira. Adeus, passe muito bem!

E o Dr. Bruno seguiu o seu caminho, deixando o nosso capitalista a ruminar aquela resposta, tão profunda e tão sábia que Salomão se voltasse a este mundo não a daria melhor.